



Palácio Legislativo Água Grande

*Câmara Municipal*  
Estância Turística de Paraguaçu Paulista

Paraguaçu Paulista

Protocolo 15.285 Data/Hora 16/10/2012 16:20:38  
Responsável: my

**PROPOSTA DE HOMENAGEM Nº 070/12**

*Indicação nº 02/12-PC*

Estância Turística de Paraguaçu Paulista, 15 de outubro de 2012.

Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara Municipal,

Em cumprimento ao Ofício nº 397-2012-C, de 27/09/2012, apresento a proposta de homenagem com o nome do Sr. **Florivaldo Gonçalves Dias**, cujo currículo e justificativa segue em anexo, para ser agraciado com o Prêmio "PRATAS DA CASA" 2012, em Sessão Solene desta Câmara Municipal, ocasião em que serão homenageados paraguaçuenses que foram destaque em atividades esportivas.

Aproveito a oportunidade para dirimir quaisquer dúvidas quanto a indicação.

Atenciosamente,

**MAURO GOLDIN**  
Vereador



### Chaleira Hoje...

Chaleira, hoje com 62 anos, não conteve as emoções ao entrar, depois de oito anos, pelo portão do Estádio Carlos Affini e quase caiu em lágrimas ao rever o grande templo do esporte paraguaçuense, que foi palco das maiores batalhas esportivas travadas nesse gramado pelo nosso azulão contra os considerados gigantes que, muitos deles, tombaram nessa arena.

Chaleira nasceu praticamente dentro do estádio municipal e conhece como ninguém a história do futebol de nossa cidade. Seu pai, seu Pedro Gonçalves Dias, recebeu convite do prefeito Victor Labate, quando inaugurou o estádio, para ser o zelador e administrador do campo.

Seu Pedro, muito conhecido nos meios esportivos e amante do futebol, levava os filhos, ainda crianças, à tira-colo para assistir, na beira do campo, os jogos do glorioso ABC-Atlético Brasil Clube, a menina dos olhos do seu fundador - o esportista Carlos Affini, que construiu um estádio no quintal de sua casa para abrigar os jogos do famoso rubro-negro paraguaçuense.

O menino Florivaldo Gonçalves Dias, que viria a ser conhecido nos meios esportivos por Chaleira e que nasceu em 28 de janeiro de 1948, observava atentamente os atletas do ABC e apaixonou-se pelo futebol. Foi inspirado pelos craques irmãos Wirgues - Caramuru e André; Feijão, o cérebro da equipe; Jadir (meio campista que foi para o Flamengo do Rio e se tornou ídolo da torcida da Gávea); Rochinha ponta direita; Lua o centro avançado cabeceador; Jayme Monteiro, que brilhava como goleiro; e muito outros... A habilidade desses atletas despertou a paixão pelo futebol e fez o menino Florivaldo sonhar com a carreira de jogador.

A sua infância foi igual a qualquer infância de uma criança normal, também. ele aprontava das suas: relembra o dia em que foi chupar jabuticaba, às escondidas, num



quintal alheio - justamente a chácara do vice-prefeito José Jacó Ferreira; na estrepolia ele contava com a parceria de seu inseparável amigo Valdemar Trombada e os dois, munidos de um alicate, cortaram a cerca de arame e entraram no pomar; mas, não deu outra, foram pegos de surpresa com a boca na botija, ou melhor, na jabuticaba, e ao dar no pé esqueceram a prova do crime, o velho alicate. Um detalhe chamou a atenção de seu Jacob: no cabo da ferramenta estava gravado o nome do proprietário do alicate, “Pedro Gonçalves Dias” que era o nome do pai da Chaleira; à noite, ao chegar em casa, a cinta cantou solta no lombo do peralta.

O apelido Chaleira o acompanha desde os tempos de jovem, quando jogava nos times de várzea da cidade. Ele jogava em um time amador chamado “Leão do Norte”, como centro-avante; era um verdadeiro pernetista e, para o desgosto do seu time, ele conseguiu a façanha de perder um gol inacreditável; depois, com a maior cara de pau, tentou justificar a façanha dizendo: “eu só queria fazer o gol de chaleira”. Nos tempos modernos ele seria agraciado com o prêmio “Bola Murcha”, do Fantástico.

A partir desse dia, os amigos começaram a chamá-lo de “Chaleira” e o apelido pegou. Sem nenhuma habilidade para jogar na linha, o gol – posição ingrata que ninguém queria - sobrou para ele. Foi ser goleiro e, foi como guarda-metas que ele descobriu sua vocação e começou a se destacar nos times amadores, chamando a atenção dos diretores do ABC, que era o time de seu sonho.

O auge de sua carreira veio no ano de 1965 jogando pelo Esporte Clube Municipal, revezando o gol com o Celso Araujo. Nessa ocasião o time era formado por pratos-da-casa e, entre eles estavam, Guim funcionário da prefeitura, Pelego, Zé Peres o grande zagueiro que já foi para o andar de cima, Moacyr, Joaquim Peres, Feijão e outros. Na semana passada, depois de oito anos sem colocar os pés no Carlos Afinni, Chaleira gentilmente atendeu ao meu convite e voltou ao estádio sentando-se em uma das cadeiras cativas que tinha uma visão panorâmica do campo. Muito emocionado, o velho atleta tinha o seu olhar fixo no gramado, onde a única movimentação era de um casal de “Quero Quero” que perambulava na grama em busca de alimento. As folhas secas tocadas pelo vento eram os únicos movimentos que se percebia das arquibancadas. Aos poucos os portões de suas lembranças foram se abrindo, e as imagens foram surgindo, voltando às inesquecíveis tardes de domingos e, um tempo feliz que não volta mais começou a ressurgir, meio esfumado pelo tempo, em sua memória. O som da bandinha do Zizi, com o seu trombone rebelde, foi ficando cada vez mais audível e vinha estridente a Maracangalha, música que marcou aquela época.

A escalação do time sendo anunciada para a torcida presente no estádio pelo auto-falantes do fusca azul do Mané Boca de Ferro, o saudoso e inesquecível “Manoel Junqueira Rosa”. Aos poucos as lágrimas foram desaparecendo e um sorriso começou a brotar na face do ex-goleiro do Azulão e a saudade foi sendo compensada com as histórias hilárias vividas nos campos de futebol.

Chaleira recordou-se de uma partida Municipal contra o Bandeirante de Birigui, conhecido como “LEÃO DA NOROESTE”; os atletas tomaram café cedo, à base de pão com mortadela, patrocinado pelo comércio local e partiram para a viagem nas velhas kombos (peruas Kombi da prefeitura). Por volta do meio dia fizeram uma parada para almoçar num restaurantinho de beira da estrada, perto da cidade de General Salgado; Chaleira deixou todos de boca aberta quando conseguiu devorar 13 enormes bifes. Ele foi para campo pesadíssimo, tomou vários “sal de frutas” para aliviar a carga. O time de Paraguaçu naquela tarde precisava mais do que nunca da vitória: o Municipal estava ganhando de um a zero quando, aos 43 minutos do segundo tempo, o juiz inventou um pênalti em favor do Bandeirante. Chaleira se posicionou no centro do gol, e começou a escutar atrás do gol os berros de Edmundo Couto, nesse tom: “Pega essa



Chaleira! Quando chegar em Paraguaçu te dou 500 pratas”. Chaleira, que não recebia nada para jogar, ficou eufórico com a proposta. O centro-avante do Bandeirante fechou a cara, travou os dentes e partiu pra pelota, bateu forte, Chaleira voou e pegou. Não adiantou nada, o juiz fez voltar de novo a cobrança e, o Chaleira inconformado, tomou um amarelo por reclamações. O Edmundo olhou para ele e gritou novamente: “Se pegar de novo dobro a oferta; é mais quinhentinha no seu bolso”; o pênalti foi batido e novamente ele pegou.

Naquela tarde ele foi considerado o melhor jogador da partida, só que os quinhentinhos ele nunca viu a cor, Edmundo alegou que ficou muito caro os 13 bifés devorados por ele no almoço e deixou-o a ver navios.

Chaleira conta que nunca ganhou um centavo e jogava por amor à camisa. Outro acontecimento engraçado que conta, se deu no estádio Manoel Leão Rego na cidade de Palmital. Os atletas entraram em campo num espírito de companheirismo e união, gritando no centro do gramado de mão dadas “Um por todos e todos por um”, mas na prática a coisa foi bem diferente, com trinta minutos do primeiro tempo o bambu cochou e o pau comeu solto, a torcida invadiu o campo e o negócio de “um por todos e todos por um” virou em “cada um pra si e salve-se quem puder” e “pernas pra que te quero”. A perua da prefeitura só conseguiu sair do estádio escoltada por várias viaturas policiais e com apenas cinco jogadores, todos com o seu escutador de novela ardendo; os outros jogadores deram no pé e foram correndo até o trevo da saída de Palmital, onde esperaram a Kombosa: muitos dos atletas com apenas um pé de chuteira, o outro pé foi deixado para trás durante a fuga rocambolesca.

Embalado com os casos hilários, ele contou que quando o Cardoso era o técnico do Municipal ele gritou para Fidelcino, massagista do time: “Rápido Fidel prepara o Valtér para entrar no jogo”. Fidel apressadamente abriu a sua caixa de massagem e tirou de lá uma seringa com uma agulha de uns dez centímetro e espetou no braço do atleta. Vartão entrou na ponta dos cascos e soltando fumaça e, de cara, participou de uma disputa, roubou a bola do volante, e partiu pra cima da defesa, driblou o lateral, driblou o goleiro, a torcida toda ficou de pé para comemorar o gol, mas o inesperado aconteceu: Vartão ligou a seta para direita, engatou uma quinta e partiu pro lado da torcida do inferninho, chegando à lateral deu um bico que a bola foi cair na rua Sete de Setembro; pra resumir: “perdemos o jogo”. Os diretores ficaram p. da vida, e no vestiário a batata assou. A diretoria pressionava o Vartão a respeito daquela lambança e o atleta se defendia dizendo: “Não sei o que aconteceu, me deu um esquentamento bem por trás das orelhas e, em seguida, veio o apagão”. Um diretor gritou “mas justamente na hora do gol”. Depois com os ânimos mais calmos ficou esclarecido o que aconteceu. O atleta tinha tomado uma pinguinha antes do jogo e a injeção do Fidel, para tirar a dor do joelho, não deu uma combinação legal, resultando no blecaute na cabeça do Vartão. Por alguns anos Chaleira foi o administrador do estádio Carlos Affini, tratando o estádio com todo carinho, transformando-o num verdadeiro cartão postal. Depois que ele saiu, nunca mais ele havia voltado ao estádio.

Encerrando o nosso bate-papo ele voltou a dizer que nunca ganhou dinheiro com futebol, mas toda vez que abre o álbum de suas recordações, são muitas “EMOÇÕES”, e como diz o Roberto Carlos: “Se chorei ou se sorri... o importante... é que emoções eu vivi”.